

O CESSAR-FOGO ENTRE ISRAEL E HEZBOLLAH COMEÇOU, MAS VAI DURAR?

Por Trita Parsi*



Imagem gerada por inteligência artificial.

Enquanto tropas israelenses permanecerem em solo libanês, o risco de o conflito recomeçar, deliberada ou inadvertidamente, continuará alto.

Um cessar-fogo que acabe com o bombardeio indiscriminado de Israel no Líbano é bem-vindo e há muito esperado. No entanto, ainda não está claro se esse acordo realmente funcionará, já que o acordo dá a Israel 60 dias para se retirar. Enquanto as forças israelenses permanecerem em solo libanês, o risco de o conflito reacender – deliberada ou inadvertidamente – permanecerá significativo.

Se o governo Biden tivesse exercido sua influência e priorizado os interesses dos Estados Unidos, esse conflito nunca teria chegado a esse nível, para começar. E, ironicamente, embora o acordo tenha sido fechado pela equipe de Biden, as partes no conflito parecem ter concordado principalmente com um olho no desejo expresso de Donald Trump de ver o conflito terminar antes de ele assumir o cargo em janeiro.

Ao contrário do que Biden disse na coletiva de imprensa de ontem, o texto do acordo parece mais equilibrado. Tanto Israel quanto o Hezbollah concordam em não tomar nenhuma ação ofensiva um contra o outro, ao mesmo tempo em que reconhecem o direito de Israel e do Líbano de continuarem a usar a força em autodefesa.

Ele coloca o governo libanês – que inclui o Hezbollah – encarregado de supervisionar e controlar qualquer venda, fornecimento e produção de armas ou materiais relacionados a armas.

O acordo também estabeleceu um comitê “aceitável para Israel e Líbano” para monitorar e ajudar a garantir a implementação do acordo.

Netanyahu, que é procurado pelo TPI por crimes de guerra, declarou vitória. Há alguma verdade na narrativa de Netanyahu: por meio deste acordo, o Hezbollah parece ter desistido de uma posição-chave, ou seja, a recusa de desconectar Gaza do Líbano.

Mas, por outro lado, Netanyahu prometeu destruir o Hezbollah, o que claramente não conseguiu. Embora a organização esteja enfraquecida, sua capacidade de atacar Israel – incluindo penetrar nas defesas aéreas de Israel, continua intacta. Só no domingo, eles dispararam mais de 250 foguetes e outros projéteis contra Israel.

De fato, a capacidade do Hezbollah de infligir dor a Israel pode ter sido uma razão fundamental pela qual Netanyahu concordou com o acordo. Se sua campanha contra o Hezbollah tivesse sido mais bem-sucedida, ele provavelmente estaria menos inclinado a parar o combate.

Teerã teria pressionado o Hezbollah a concordar com os termos do cessar-fogo, mesmo que isso traia a posição anterior do Hezbollah. Teerã tem várias razões para fazer isso: se opôs à expansão do conflito desde o início, dados seus próprios desafios em casa. Embora esteja em conflito com Israel, o momento desta guerra convém muito mais a Israel do que ao Irã.

Mas Teerã também pode ter visto isso como um presente para Trump, demonstrando a capacidade de Teerã de ajudar a acalmar a situação enquanto sinaliza o próprio desejo do Irã de fechar um acordo com Trump em vez de retornar a um estado de tensões aumentadas entre EUA e Irã.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

**Trita Parsi é cofundador e vice-presidente executivo do Quincy Institute for Responsible Statecraft.*
